R. Ra'e Ga
Curitiba, v.47, n.1, p. 67-84, Jul/2020

DOI: 10.5380/raega
eISSN:2177-2738

PAISAGENS E LUGARES – CARACTERIZAÇÃO GEOAMBIENTAL E CULTURAL DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO COMPLEXO TRÊS FRONTEIRAS, ALTO VALE DO RIO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS.

LANDSCAPES AND PLACES – GEO-ENVIRONMENTAL AND CULTURAL CHARACTERIZATION OF THE TRÊS FRONTEIRAS ARCHAEOLOGICAL COMPLEX, ARAÇUAÍ RIVER VALLEY, MINAS GERAIS STATE, BRAZIL.

Marcelo Fagundes [1], Matheus Kuchenbecker[1] , Alessandra Mendes Carvalho Vasconcelos[1], Anne Priscila Dias Gonzaga [1]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal apresentar uma síntese das atividades de pesquisa desenvolvidas por uma equipe multidisciplinar acerca das ocupações humanas antes do contato com os europeus, na face leste da Serra do Espinhaço Meridional, mais precisamente no Alto Vale do Rio Araçuaí. Como norte teórico-metodológico tem-se utilizado o conceito de paisagem, compreendido a partir das interações entre Humanos e seus ambientes, bem como da própria dinâmica social, envolvendo questões de ordem cosmológica, simbólica, política, econômica, moral-ideológica, religiosa, etc. A área apresentada é do denominado Complexo Arqueológico Três Fronteiras, constituído por 16 sítios arqueológicos em abrigos sob rocha (quartzítica), com presença marcante de grafismos rupestres e de uma indústria lítica majoritariamente em quartzo. O único sítio escavado, Três Fronteiras 07, obteve datação de 4100 ± 30 anos AP., situando sua ocupação durante o Holoceno Médio, resultado comum para outros abrigos regionais. Utilizando diferentes metodologias, com investigações que seguem da caracterização geológica ou uso de drones para mapeamento da área, tem-se buscado compreender a dinâmica destas ocupações e, sobretudo, o uso do lugar em longa duração, identificando as principais características e buscando entender o modo de vida e a dinâmica cultural das populações que ocuparam Três Fronteiras antes do contato com os europeus. Partiu-se, assim, do pressuposto que se trata de um lugar, um grande sítio arqueológico que, dada às características geoambientais e das interações culturais, foi ocupado em longa duração sendo um ponto-chave para a compreensão das ocupações humanas no Espinhaço.

Palavras chave: Arqueologia– Serra do Espinhaço Meridional – Arte Rupestre – Holoceno Médio

ABSTRACT

This article has as main objective to present a synthesis of the research activities developed by a multidisciplinary team about the human occupations before the contact with the Europeans, in the eastern face of the Espinhaço Meridional Range, more precisely in Araçuaí Valley. As a theoretical-methodological north, the concept of landscape has been used to understand the interactions between Humans and their environments, as well as from the social dynamics itself, involving economic, symbolic, political, moral-ideological, religious, etc. The area presented is called the Três Fronteiras Archaeological Complex, composed of 16 archaeological sites in rock-shelters (quartzite), with a presence of rock art and a lithic industry predominately in quartz. The only site excavated, Três Fronteiras 07, obtained a date of 4100 ± 30 years BP., placing their occupation during the Mid-Holocene, a common result for other regional shelters. Using different methodologies, with investigations that follow the geological characterization or the use of drones to map the area, we have tried to understand the dynamics of these occupations and, especially, the use of the place in long-term, identifying the main characteristics and trying to understand the way of life and the cultural dynamics of the populations that occupied Três Fronteiras before contact with the Europeans. It was therefore assumed that this is a place, a large archaeological site that, given the geoenvironmental characteristics and cultural interactions, it was occupied in long duration; it's being a key point for the understanding of the human occupations in the Espinhaço Meridional Range.

Keywords: Archaeology – Espinhaço Meridional Range – Rock Art – Mid-Holocene

Recebido em: 19/05/2018
Aceito em: 01/06/2019

[1] *Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. emails: marcelofagundes.arqueologia@gmail.com, matheusk@ict.ufvjm.edu.br, alessandra.carvalho@ict.ufvjm.edu.br, diaspri@gmail.com*

PAISAGENS E LUGARES – CARACTERIZAÇÃO GEOAMBIENTAL E CULTURAL DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO COMPLEXO TRÊS FRONTEIRAS, ALTO VALE DO RIO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS.

1. INTRODUÇÃO

Há dez anos uma série de pesquisas em Arqueologia tem sido desenvolvidas em uma ampla área na face leste da Serra do Espinhaço Meridional (SdEM), em sítios arqueológicos implantados no Alto Vale do Araçuaí, em terras dos municípios de Felício dos Santos, Rio Vermelho, São Gonçalo do Rio Preto, Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba, Minas Gerais. Trata-se de uma área com imenso potencial arqueológico representada, sobretudo, por abrigos em rocha quartzítica, geralmente com presença de arte rupestre, trazendo algumas distinções das áreas vizinhas. Estas diferenças são principalmente em relação a implantação dos sítios, a tecnologia aplicada às indústrias líticas e quanto ao estilo da arte rupestre, além do fato de suas ocupações serem contínuas a partir do Holoceno Médio, aproximadamente entre 7225 anos AP e datas muito próximas ao contato com os europeus, ou seja, em longa duração.

Apesar do enfoque na Arqueologia, sobretudo no estudo na arte rupestre e na tecnologia lítica, pesquisas em Geologia, Geomorfologia, Pedologia, Fitogeografia, Paleoambiente, Arqueometria, Espeleologia, Patrimônio e Educação, também foram e estão sendo desenvolvidas em toda área, fator importante para um estudo que pretende ser interdisciplinar. Em síntese, o projeto de pesquisa tem buscado coligir dados entre as Ciências Naturais e Humanas de forma que possibilite a compreensão das relações socioambientais e culturais. A referência é a transição do Pleistoceno para o Holoceno, entendendo o ritmo e o modo pelo qual as paisagens regionais foram estabelecidas (criadas e/ou modificadas) em longa duração, com marcadores no tempo e no espaço (e na cultura).

A intenção é a realização de investigações arqueológicas sistemáticas em uma ampla área do centro-norte do estado de Minas Gerais, em especial o alto vale do rio Araçuaí, região que por muito tempo não contava com nenhum projeto acadêmico. Tem-se buscado a identificação e o entendimento de como se deram as ocupações humanas no tempo e no espaço mas, principalmente, como estas ocupações se inter-relacionaram com as características geoambientais da borda leste da SdEM.

Desta forma, as pesquisas desenvolvidas têm aliado esforços para inferir, da maneira mais assertiva possível, acerca de itens fundamentais para os objetivos traçados em longo prazo: (i) Distribuição espacial dos sítios e suas relações ambientais e culturais; (ii) Estabelecimento de cronologias absolutas para os diferentes complexos arqueológicos; (iii) Entendimento de como se deu a ocupação, estabelecimento, uso (reuso), desenvolvimento de atividades, etc., em uma assembleia de assentamentos; (iv) Da compreensão das características geoambientais dos diferentes complexos e como se relacionam em termos culturais; (v) Da compreensão de como estão distribuídas as estruturas arqueológicas regionais, conforme as feições da paisagem, ou melhor, por meio do exame do registro arqueológico, inferir sobre as interações entre grupos humanos e os paleoambientes acerca da distribuição de recursos e exploração, padrão de mobilidade, escolhas relacionadas ao estabelecimento de sítios diversificados (residencial; de observação; de obtenção de matéria-prima; de pesca, caça e coleta; ritualísticos; etc.), lugares de uso contínuo, etc.

Para este artigo são apresentadas as análises geoambientais e arqueológicas realizadas nos 16 sítios integrantes do Complexo Arqueológico Três Fronteiras, tendo como norte teórico os conceitos de paisagem e lugar, buscando compreender como: (i) as características geoambientais e as inter-relações com as ocupações humanas ao longo do tempo, (ii) na distribuição espacial e padrões de implantação dos abrigos com presença de repertório cultural, suas cronologias e interconexões.

Percebe-se, como será discutido a seguir, que em Três Fronteiras os abrigos não foram ocupados aleatoriamente, há uma lógica/ sentido e, portanto, justificando a eleição do uso dos conceitos geográficos de paisagem e lugar aplicados à pesquisa arqueológica, uma vez que se tem procurado o entendimento da ocupação de

uma área em longa duração, levando em conta as múltiplas camadas de sentidos e significados que este lugar tem recebido ao longo do tempo. Trata-se, assim, de uma abordagem diacrônica e sistêmica mas, sobretudo, geográfica.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. Os conceitos geográficos de Paisagem e Lugar e suas aplicações em arqueologia

A constituição da paisagem (das paisagens) se dá a partir das interações e da dinâmica social, envolvendo questões de ordem cosmológica, simbólica, ideológica, por exemplo, e, portanto, seus portadores a interpretam, dão sentido e sentimentos ao lugar em que habitam. Depende de percepção, de visão de mundo e não necessariamente da modificação/ transformação física, apesar de que estas ações também estão intimamente ligadas ao modo que as pessoas veem, classificam e percebem o mundo à sua volta. Justamente por isso tem-se partido da hipótese que a paisagem seja a inter-relação entre pessoas, objetos, formas e percepções que se dão a partir de processos históricos, geoambientais e contextuais (FAGUNDES, 2014).

Faz algum tempo que o conceito de paisagem tem ganhado fôlego e relevância nas discussões acerca das ocupações humanas em longa duração e, portanto, um conceito-chave da Geografia (CORRÊA, 1995; SCHIER, 2003) que tem sido essencial para pesquisas arqueológicas (KNAPP; ASHMORE, 1999; TRONCOSO, 2001; ZVELEBIL, 1997; ANCHUETZ et al., 2001; MOORE, 2004; LINKE, 2008; ZEDEÑO, 2000; FAGUNDES, 2009, 2014; DAVID; THOMAS, 2016; FAGUNDES et al., 2018; WOLF; MACHADO, 2018).

Não se trata de algo novo e de uma forma ou de outra, acaba sendo inerente às pesquisas. Contudo, pode-se dizer que há diferentes concepções de como pode ser utilizado ou mesmo o que é. A nova tomada (ou uso) tem sido feita no sentido de esmiuçar de maneira mais sistemática as relações humanas com seus ambientes, para além da soma de "espaços" construídos ou transformados. Os lugares constitutivos de uma paisagem são experimentados pelo sujeito(s) de acordo com suas ontologias e cosmovisão[2] (ZVELEBIL, 1997; TRONCOSO, 2001; FAGUNDES, 2009, 2014; FAGUNDES et al., 2018).

Ao se tratar da paisagem (enquanto conceito), entende-se que está constituída por lugares em que pessoas dão sentido a vida, interpretam a si mesmas, as coisas e o mundo. Neste ponto de vista, são lugares de entendimento e ressignificação, sempre dinâmicas, sistêmicas, contextuais e históricas. O mundo que se vê hoje está constituído por camadas destas paisagens, que podem ser lidas e, consequentemente, interpretadas por meio das marcas/registros que são deixadas em longa duração (COSGROVE, 1984).

A paisagem nada mais é do que um produto humano da construção humana, podendo ser definida como um espaço social humanizado: no tempo e no espaço (e na cultura). É lida e interpretada como símbolo e, portanto, assume seu papel dentro das representações sociais de um dado grupo enquanto bem. Compreendida como uma construção é, portanto, um fato social total conforme postulado maussiano, uma vez que, dotada de significação, adquire dimensão de ordem sociológica, histórica e fisiopsicológica, ou seja, definida e integrada à sociedade, por meio de sua materialidade física, bem como de sua imaterialidade representada pelos aspectos de significação que adquire ao longo do tempo por meio dos aparatos técnicos e cognitivos (FAGUNDES et al., 2018; COSGROVE, 1984,1988).

As relações entre humanos versus meio não são compreendidas apenas como um modo de superação das necessidades de subsistência, de caráter utilitário-funcional, mas enquanto um modo eficaz de regulação entre os fatores de ordem ambiental e as estruturas socioculturais e

[2] *Da visão do mundo, um modo subjetivo de ver, interpretar e descrever o meio material e imaterial ao seu redor.*

políticas. Busca-se o equilíbrio (e controle em alguns casos) a partir de diferentes concepções de mundo; da legitimação de estruturas de poder e prestígio; da manutenção da ordem social e do universo simbólico-religioso; etc.

Além disso, como Anchuetz et al. (2001), nesta pesquisa tem-se acreditado que as paisagens não podem ser entendidas como uma somatória de ambientes construídos. Ao contrário, são os diferentes modos que as pessoas têm significado a si mesmas e ao mundo, sendo palco de todas as atividades em sociedade. São construções dinâmicas, vistas como um texto histórico e que funcionam como um sistema de manipulação simbólica. Há, portanto, certo consenso que as paisagens são construídas a partir destas dimensões sócio-simbólicas, que permitem que sejam experimentadas, percebidas e contextualizadas (KNAPP; ASHMORE, 1999) ou, como definido por Zvelebil (1997, p.33) "(...) landscapes is succinctly defined as a set of real-world features, natural and cultural, which give character and diversity to Earth's sufarce".

Sendo extensas as discussões do que o conceito significa, aqui se sintetizou estas amplas discussões (e percepções), entendendo a paisagem como produto cultural, onde Humanos constroem, percebem e dão sentido aos vários lugares (físicos e imaginários), que produzem forma às suas vidas. A paisagem é, portanto, constituída por camadas, formadas em longa duração, em que pessoas transformam os espaços físicos em composições que têm seus significados intrínsecos ao modo de vida: relações com a natureza, atividades diárias, relações políticas e de poder, cosmológicas, ideológicas e socioeconômicas, etc.

Constituídas por Humanos, as paisagens são moldadas por meio de suas experiências ao longo do tempo (COSGROVE, 1984, 1988). Se o mundo sempre é resultado da práxis humana, as paisagens também são. São as pessoas que criam/estabelecem paisagens, projetando ideias/sentimentos para o mundo a partir deste mundo. Deixam marcas, mesmo que aparentemente sutis, que dão significado ao estar/ ser no mundo (KNAPP; ASHMORE, 1999; ANCHUETZ et al., 2001).

A paisagem reflete o uso social da terra, por indivíduos e comunidades, ao longo do tempo, onde as diferentes atividades da vida humana modificam e culturalizam sua constituição, uma vez que são criadas e modificadas pela história. Justamente por isso são elementos dinâmicos e interativos, sempre estruturadas, entendida, significadas/ ressignificadas por seus ocupantes. Não são palcos estáticos da vida, estão em movimento, sendo moldadas pelas experiências e reativadas pelas interrelações entre o mundo e humanos, em que os aspectos cognitivos permitem que esta paisagem seja experimentada, percebida, classificada e contextualizada. Nesta o indivíduo (ou grupo de) pode dar sentidos inerentes ao contexto histórico de que faz parte e, continuidade e/ou mudanças são escolhas. Paisagens são histórias de vida (ZVELEBIL, 1997).

Tão importante quanto o conceito de paisagem, visto como uma abordagem teórica, é o Lugar enquanto categoria de análise. Aqui o Lugar é considerado não como um simples conjunto de formas e objetos específicos, sendo compreendido como modo de reprodução, ou seja, uma estrutura simbólica e prática de (re)organização particular de objetos e formas específicas. Logo, são pontos estruturados e organizados, por meio de locais (mapas mentais) de referência, conhecidos e reconhecidos, explorados, significados e constantemente ressignificados. São valorados de acordo com as estruturas sócio-simbólicas onde são satisfeitas diversas necessidades humanas: biológicas ou espirituais; materiais e imateriais; reais ou mágicas, etc. Nessa perspectiva, são ontológicos e podem ser entendidos como centros de significados e de interação humana. O lugar enquanto sistema sociocultural é transformado, comunicado e reproduzido, proporcionando um senso de identidade e pertencimento ao grupo, sendo imprescindível à constituição da consciência individual e coletiva. Como destacado por Nascimento e Steinke (2018, p. 24), o lugar deve ser entendido como uma condição social.

Existem lugares que podiam e podem ser ocupados, ou não, de certas maneiras e não de outras, em determinados períodos de tempos. A partir do momento em que se definem, eles se impregnam de significado em sentidos institucionalizados, culturalmente definidos. Assim, pode-se falar de lugares, lugares nos lugares ou até, lugares para além dos lugares.

Os lugares são a essência dos Humanos que deles se apropriam, se estabelecem e constroem sua história. Uma vez repletos de significados para além da dimensão física, se constituem, se preservam e têm continuidades na dimensão abstrata. Não são apenas físicos, mas também discursivos. Existem dimensões do sagrado e do profano, do público e do privado, do habitável ou não, do leito, da cozinha, do lazer, etc., definidas culturalmente, que orientam, limitam e/ou condicionam, além dos métodos, objetos e tempos, os espaços de ação, intervenção e uso, segundo a lógica de cada grupo social. Registram-se neles os modos de ocupação, ou seja, a moral, a técnica e conhecimento de um grupo.

Sendo construções (ainda que abstratas), por várias vezes foram reocupados e reutilizados (por grupos diferentes ou não), sendo que uma ocupação não desconsidera sua precedente. Ao longo do tempo, as ações em um lugar se guiam por estratégias de modos (econômicos, políticos, religiosos, etc.) de relacionamentos em resposta às anteriores, identificadas e concebidas.

A reocupação de lugares já utilizados no passado (distante ou não), por grupos diferentes, indivíduos diversos, ou não (conhecidos, ou não), se relaciona com estratégias de convívio sincrônico e diacrônico frente ao Outro. As ações e os modos de intervenção no lugar já marcado se limitam, direcionam e se definem em processos de ressignificação e inter-relações entre os elementos/registros já postos e os que se realizam, de modo a conferirem sentido a ambos (TRONCOSO, 2001). Ampliando esse conceito, pode-se considerar que os lugares, entendidos como subconjuntos da paisagem, fazem parte da rede de significação cultural e, por isso, as repetições do uso destes permitem a enumeração de recorrências e variabilidade.

2.2. Características Geoambientais da área de estudo

Os dezesseis abrigos que constituem os sítios Três Fronteiras estão implantados no contraforte da Serra da Bocaina, divididos em duas microbacias[3]: (i) Da Água Quente, afluente do rio Araçuaí (sítios 01 ao 05 e sítios 13 ao 16), em terras do município de Felício dos Santos; (ii) Do Lambari Dourado, afluente do rio Itanguá (sítios 06 ao 12), em terras de Senador Modestino Gonçalves (Figuras 1 e 2). Todos são sítios em abrigo quartzítico em uma área de grandes afloramentos desta rocha, onde predomina o campo rupestre. Todo o local é marcado pela presença de Neossolo quartzarênico pouco profundo e, dentro dos abrigos, locais que trazem vestígios das ocupações humanas em longa duração, grande parte deles apresenta superfície rochosa, exceção diz respeito ao sítio Três Fronteiras 07, sítio escavado, que em alguns locais atingiu profundidade de 60 cm, uma característica rara no que tange aos processos sedimentares dos abrigos da Serra do Espinhaço Meridional; e o sítio Três Fronteiras 15, que passará por escavação ainda em 2018.

[3] *Sub-bacia do rio Araçuaí, Bacia Federal do Jequitinhonha.*

Figura 1 - Visada Oeste-Leste a partir de Três Fronteiras, destaque para a Serra da Bocaina, marco geográfico regional. Autor, 2016

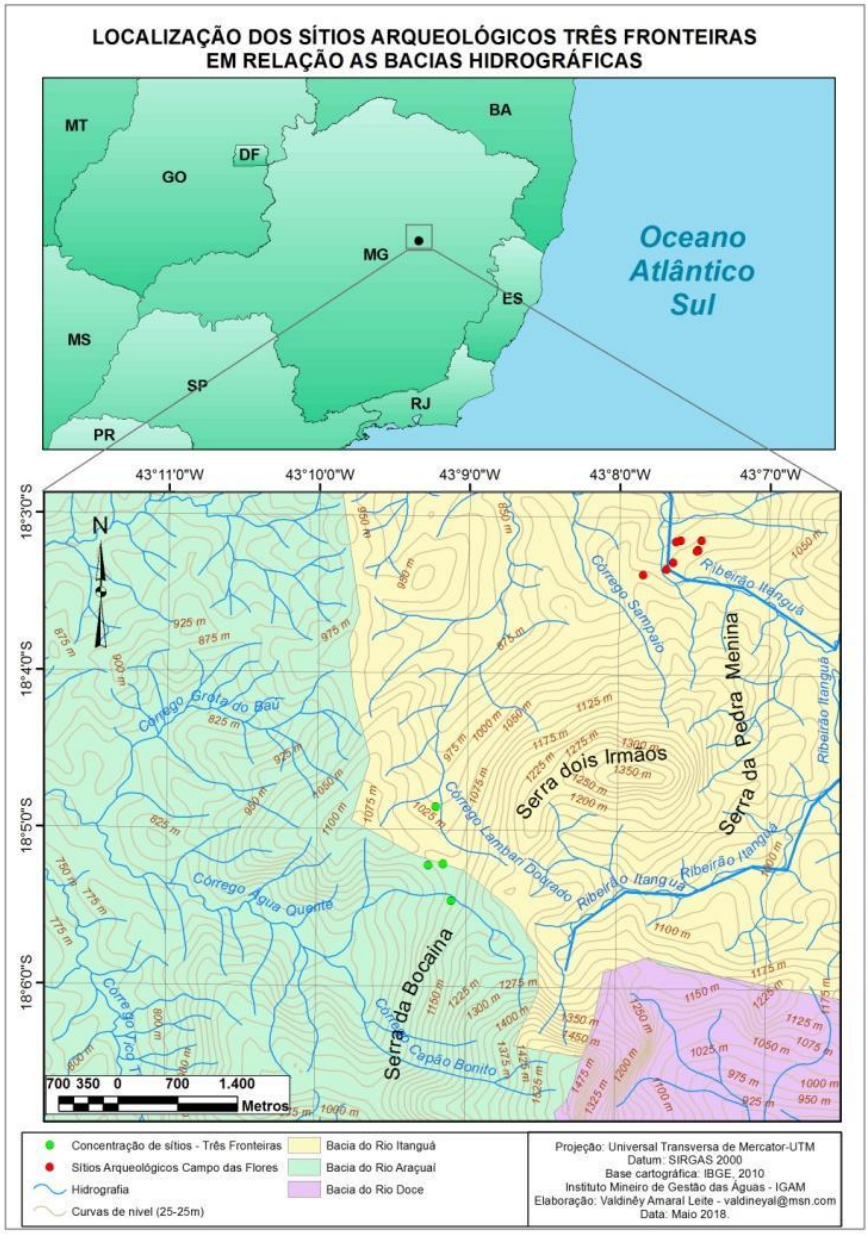

Figura 2 - Localização do Complexo Arqueológico, com destaque para as bacias hidrográficas e marcos geográficos. Elaboração: Amaral, 2018. Fonte: IBGE, 2010.

PAISAGENS E LUGARES – CARACTERIZAÇÃO GEOAMBIENTAL E CULTURAL DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO COMPLEXO TRÊS FRONTEIRAS, ALTO VALE DO RIO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS.

Durante os anos de 2016 e 2017 foram realizadas atividades de campo, sobretudo com o objetivo de se criar um banco de dados geoarqueológico, que pudesse fornecer informações e, principalmente, que pudessem ser intercruzadas para interpretação em gabinete e cumprimento dos objetivos da pesquisa. Assim, atividades de campo voltadas: (i) para o mapeamento geológico, geomorfológico e de solos, além do mapeamento dos padrões de distribuições vegetacionais, todos incluindo coleta de amostras; (ii) para o georreferenciamento e a produção cartográfica, inclusive com uso de drones para mapeamento; (iii) exclusivamente para a Arqueologia, com registro de todos os grafismos rupestres e a escavação do sítio 07; (iv) paleoambiente.

Em laboratório, houve o processamento destes dados, produção cartográfica com uso do software ArcGis para confecção de mapas e análises; além do uso de outros softwares, a exemplo do CorelDraw para processamento dos dados da escavação (croquis, plantas baixas, perfis estratigráficos, etc.) e do Dstretch, para o melhoramento e identificação das imagens da arte rupestre.

Logo, para este artigo foi realizada uma síntese destas atividades fundamentais para a compreensão das inter-relações dos Humanos em seus ambientes, lembrando que se partiu do pressuposto que Três Fronteiras é um lugar dentro da paisagem 'arqueológica' regional.

No que tange a Geologia regional, a área do Complexo Arqueológico Três Fronteiras encontra-se inserida no contexto do Orógeno Araçuaí, um dos mais importantes componentes geotectônicos do sudeste brasileiro (Figura 03). O Orógeno Araçuaí foi uma das cadeias de montanhas formadas nesta região do globo em função das várias colisões continentais que, no fim do Neoproterozóico, deram origem ao supercontinente Gondwana (ALKMIM et al., 2017).

As rochas que hoje compõem grande parte dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia são as raízes desta antiga cadeia de montanhas, hoje expostas devido ao contínuo processo de erosão. A oeste do Orógeno Araçuaí encontra-se o Cráton do São Francisco, remanescente de um dos paleocontinentes envolvidos neste processo tectônico. No interior do Orógeno Araçuaí são encontrados alguns blocos de embasamento remobilizados durante o processo colisional (NOCE et al., 2007). É o caso do Bloco Guanhães, ao noroeste da área estudada. No Bloco Guanhães ocorrem rochas arqueanas e paleoproterozóicas metamagmáticas, como os ortognaisses do Complexo Guanhães, e rochas metassedimentares, como os quartzitos e paragnaisses da Formação Serra Negra, cujas rochas estruturam os abrigos aqui estudados (Figura 3).

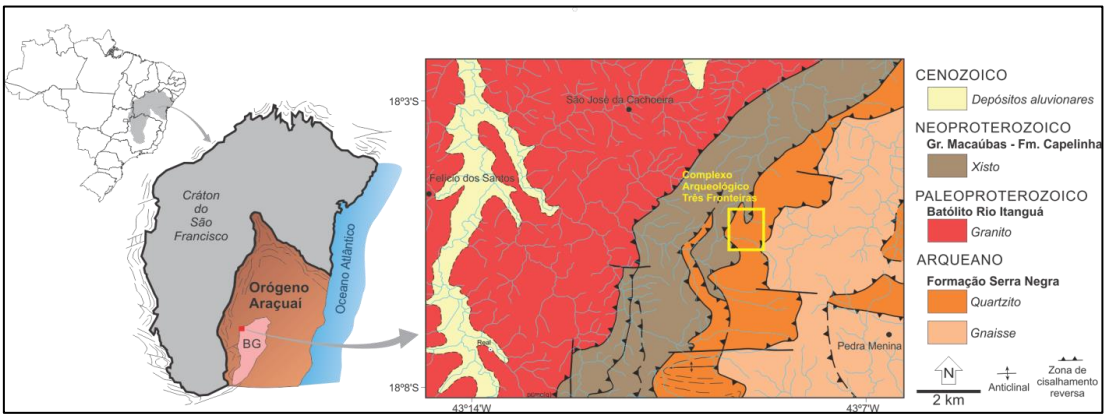

Figura 3 - Encarte tectônico e mapa geológico da região do Complexo Arqueológico Três Fronteiras (destacado em amarelo). Elaboração: Kuchenbecker, 2017. Fonte: Modificado de Tupinambá et al., 1996.

A Formação Serra Negra é unidade metassedimentar ainda pouco estudada, à qual tem sido atribuída idade arqueana (TUPINAMBÁ et al., 1996; NOCE et al., 2007). Na área do Complexo Arqueológico Três Fronteiras, a unidade apresenta dois litotipos principais: biotita paragnaisse, que predomina em sua porção basal, e quartzito, predominante no topo.

Os quartzitos apresentam coloração branca a bege e variam de micáceos a puros, exibindo forte recristalização. Na maior parte das vezes os quartzitos apresentam estratificação plano-paralela bem marcada, que na área mergulha para oeste com ângulos moderados. Juntamente com a estratificação, uma persistente família de fraturas verticais, de direção norte-sul, controla o desmonte erosivo das camadas quartzíticas e, por conseguinte, a estruturação dos abrigos.

Consequentemente, os solos são fortemente influenciados pelos materiais de origem. Apesar de normalmente se associar a Serra do Espinhaço quase que exclusivamente os solos rasos e jovens, a exemplo dos Neossolos Quartzarênicos, a região conta com uma variedade de outras classes que vão desde aquelas mais jovens, até mesmo aos solos mais evoluídos como os Latossolos. Essa variedade é possível devido a diversos fatores, como diferentes materiais de origem; pode-se encontrar desde quartzitos puros, até aqueles micáceos e/ou ferruginosos, o que pode refletir em uma diferente evolução nos solos. Em algumas áreas existem intrusões de rochas metabásicas, podendo formar solos mais evoluídos e argilosos como Latossolos, além das áreas aluviais, fonte de Neossolos Flúvicos. Além disso, fatores como o relevo são determinantes para evolução dos solos, influenciando na dinâmica hídrica superficial e subsuperficial da água. A Serra do Espinhaço apresenta também várias áreas de solos orgânicos, chegando até a formar várias áreas de turfeiras (VASCONCELOS, 2014).

Figura 4 - Principais classes de solos encontradas no entorno dos sítios: A – Neossolo Quartzarênico com espessa camada orgânica e recoberto por sedimento arenoso; B- Área com Neossolos Litólicos e Neossolos Quartzarênicos; C- Organossolo próximo ao córrego do Lambari Dourado; leito rochoso do córrego Lambari Dourado. Fonte: Autores, 2017.

No entorno imediato do Complexo Três Fronteiras predominam os Neossolos Quartzarênicos (Figura 4 - A), com presença marcante dos afloramentos de quartzito. O quartzito é uma rocha com intemperismo mais lento, devido à presença do mineral quartzo, de baixa solubilidade. Assim, a alteração desta rocha se dá principalmente a partir do cimento quartzoso, a sílica amorfa (YOUNG; YOUNG, 1992), liberando os grãos de quartzo que darão origem aos Neossolos Quartzarênicos do entorno dos maciços. Já, onde esses solos são mais rasos, encontram-se as classes dos Neossolos Litólicos (Figura 4 - B). Em grande parte das áreas observadas com as classes anteriormente citadas, existe uma espessa camada de material orgânico recoberto de sedimento arenoso, o que demonstra a alteração do quartzito e a dinâmica erosiva na região. Nas rampas mais suavizadas no relevo com vegetação mais densa, e nas áreas limítrofes às planícies aluviais está presente também a classe dos Organossolos (Figura 04 – C). Próximo aos rios na região dos sítios observou-se, ora pequena presença de Neossolos Flúvicos (Figura 4 – D), também recobertos por material orgânico, e na maioria dos pontos, rocha expostas nas margens dos rios, ou presença de areia, sem formação de solos.

De acordo com Saadi (1995), a Serra do Espinhaço Meridional configura-se como um espigão de direção norte-sul se for considerado o alinhamento das cristas acima de 1200 metros. Mas se a observação partir das curvas de 1.000 m tem-se se um arco cuja convexidade é orientada para oeste, com ápice no eixo Três Marias – Diamantina. A escarpa da borda oeste por sua vez, em sua extensão longitudinal apresenta uma feição morfotectônica típica de front de cavalgamento, enquanto a borda leste é caracterizada por sucessivas intervenções de falhas com que compõem o cinturão de cavalgamentos situado na zona proximal da colisão continental que edificou o Orógeno Espinhaço. A área investigada está na borda leste da Serra do Espinhaço Meridional e é morfologicamente marcada pela alternância espacial entre os afloramentos rochosos e as formações superficiais, esta influenciada pelas diferenças lito-estruturais da região. A partir desta perspectiva, podem ser observados na área de influência dos sítios quatro principais domínios geomorfológicos. O primeiro, as serras sustentadas pelos quartzitos, estes muito resistentes ao intemperismo, muitas vezes com topos com Cristas quartzíticas expostas e com os picos mais altos da região (Figura 02), que "se abrem" como paredões na paisagem, como as Serras Pedra Menina e Dois Irmãos, a Leste dos sítios. Estas Serras fazem parte de um complexo composto por fragmentos de serras, da qual faz parte a Serra da Bocaina, mais a sul. Nessas áreas mais íngremes associadas aos afloramentos rochosos, próximo a alguns sítios do complexo, os perfis longitudinais dos canais fluviais são marcados por numerosas rupturas de declive, sendo comuns trechos encachoeirados.

O segundo domínio são as rampas de colúvio relativas à alteração dos quartzitos; são sedimentos arenosos dispostos ao longo das vertentes dessas serras, que formam superfícies mais extensas e suavizadas revestidas por vegetação campestre que podem ser observadas próximas aos sítios, e também na face leste das Serras Pedra Menina e Dois Irmãos. Existem ainda rampas de colúvio curtas e com maiores inclinações, entremeadas por afloramentos rochosos.

O terceiro domínio está associado às áreas com presença de mantos de intemperismo mais desenvolvidos e argilosos, oriundos de outras litologias, como os xistos que desenvolvem relevos com vertentes mais suaves, topos aplainados, sem a presença de afloramentos, o que inviabilizou a presença de sítios.

O último domínio ocupa as estreitas faixas dos canais fluviais dos Córregos Água Quente e Lambari Dourado. Em alguns trechos associados aos quartzitos aflorantes as faixas dos aluviões se mostram muito estreitas, ora dando lugar às rochas. Em outros trechos já é possível notar pacotes mais espessos desses alúvios ricos em material orgânico e com extensões variáveis na paisagem.

O entorno de Três Fronteiras é marcado pelo mosaico de vegetação do bioma Cerrado (sensu lato), onde predominam as formações de Cerrado stricto sensu, especialmente nas porções mais aplainadas do terreno, enquanto que nas áreas em que os afloramentos quartzíticos são mais pronunciados, a vegetação dominante é formada pelos Campos Rupestres. Além disso, há locais muito próximos ao complexo arqueológico com presença de manchas de Floresta Estacional Semidecidual, conferindo um caráter de ecótono à área.

Contudo, onde os sítios estão implantados predominam-se os campos rupestres. Estes últimos são ecossistemas caracterizados pela elevada riqueza de espécies herbáceo-arbustivas, embora apresentem árvores com menor densidade, com alto endemismo, singular composição florística e sua localização quase sempre se dá em locais com elevadas cotas altitudinais, acima de 900 metros (RIBEIRO; WALTER, 2008; FERNANDES, 2016).

Floristicamente esta vegetação é caracterizada pela presença das Velloziaceaes (Canelas-de-ema), Cactaceaes (Coroas de frade, quiabo da lapa), Eriocaulaceae (Sempre-vivas), Asteraceae (Arnicas, assa-peixe), Poaceae (gramíneas), Orchidaceae (orquídeas como as dos gêneros Habenaria e Cleistes) e algumas bromélias (Dyckia, Tillandsia) (RIBEIRO; WALTER, 2008).

A área é relativamente bem drenada, sendo que o córrego Lambari Dourado (afluente da margem esquerda do rio Itanguá – Bacia do Araçuaí), é o curso d'água mais próximo, perpassando entre os sítios 06 ao 12 de maneira perene. Em alguns trechos de suas margens (áreas não desmatadas) é possível observar um dossel arbóreo mais alto do que no entorno, o que, a priori, permite a inferência que no passado esta mata ciliar tenha sido muito mais densa, bem como deve ter sido maior o volume de água do córrego Lambari Dourado (Figura 5).

Figura 5 - Visada Leste oeste destacando: (a) a direita da foto afloramentos quartzíticos da bacia do Lambari Dourado, sítios Três Fronteiras 06 ao 12; (b) a esquerda da foto afloramentos quartzíticos da bacia do Água Quente, sítios Três Fronteiras do 01 ao 05 e do 13 ao 16. Fonte: GeoSense/2017.

Os sítios 01 ao 05 e 13 ao 16 estão implantados na microbacia do córrego Água Quente (afluente da margem direita do rio Araçuaí), sendo estes os sítios mais distantes de cursos d'água, contudo nunca ultrapassando 200 m.

De acordo com a classificação de Köppen-Geiger, o clima da região é tropical de altitude (Cwb), caracterizado por verões brandos e úmidos e invernos mais frescos e secos. Os índices de precipitação variam de 1250 mm a 1550 mm e

temperatura média anual não ultrapassa os 20°C, com variável entre 18°a 19°C (KNEGT, 2015).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma das características da Arqueologia regional é a ausência de sítios a céu aberto (até agora não evidenciados), sendo que em Três Fronteiras esta regra é válida. Os abrigos são marcados pela presença da arte rupestre, desde painéis densamente pintados até aqueles com menos de cinco grafismos, sempre isolados e sem qualquer relação direta com eles perceptível. Apenas no sítio Três Fronteiras 15 foram evidenciadas em superfície cerâmicas (ainda em estudo) e, justamente por isso, alvo da próxima intervenção.

Obviamente a área é composta por muito mais abrigos que aqueles com marcas evidentes de ocupações indígenas. Por exemplo, na vertente do Lambari Dourado, há abrigos voltados para Oeste, aparentemente que abrigariam ocupações humanas com certa facilidade, todos com incidência de luz direta no período da tarde e, além disso, todos com acesso regular até difícil. Nenhum deles foi observado qualquer marca destas ocupações humanas, sejam os grafismos ou materiais em superfície.

Neste ínterim, partiu-se do pressuposto de que houve escolhas pelos abrigos que pudessem ser ocupados e como poderiam ser ocupados, de acordo com ontologias e cosmovisão. Justamente por isso o arcabouço teórico focado nos conceitos de paisagem e lugar foi tão importante nas pesquisas realizadas, indicando que as estratégias para o estabelecimento estão além das funcionais e/ou econômicas e que toda ação humana é simbólica e deixa marcas desta organização social e dos processos históricos desenvolvidos.

De qualquer forma, frente às possibilidades oferecidas por este lugar e sua posição estratégica entre duas bacias e em uma área de ecótono, tem-se caracterizado Três Fronteiras como um enclave ambiental-arqueológico em que Humanos puderam (e podem) desenvolver suas atividades (de várias ordens). Tendo em mente estes pressupostos, foi sintetizada da seguinte forma as principais características da área de estudo aqui apresentada:

O Complexo Três Fronteiras está implantado entre dois vales que cortam a área de norte a sul, rodeados de serras, algumas delas marcos geográficos que, atualmente, guiam e dão dinamismo a paisagem. Através destes marcos as pessoas hoje se localizam e estabelecem caminhos; se identificam e situam-se enquanto agentes sociais; dão referência às suas histórias, ancestralidade para constituírem suas identidades e se distinguirem dos outros.

Trata-se de um lugar onde os afloramentos de quartzito ganham destaque em meio ao campo rupestre. O solo arenoso, de tonalidade clara, entre rochas e a vegetação 'rala' permitem a visualização em destaque de todo o entorno.

Ao mesmo tempo em que se destaca no entorno, Três Fronteiras permite uma excelente visibilidade do que está em sua volta: para o sul um amplo espaço em direção a Chapada do Couto (um importante marco geográfico durante a exploração do diamante entre os séculos XVIII e XIX); para o norte, todo o vale do rio Araçuaí, um dos caminhos naturais para o nordeste de Minas Gerais e do país. Permite, assim, proteção para seus ocupantes, ao mesmo tempo em que é um ponto de fixação (e apoio) central para exploração do entorno (e suas possibilidades nas áreas de ecótono).

Em meio aos quartzitos, veios de quartzo ganham destaque na paisagem regional, fornecendo ampla disponibilidade de matéria-prima para indústria lítica. Disponibilidade, portabilidade e flexibilidade são conceitos marcantes para quem estuda conjuntos líticos desta região. O mesmo ocorre com minério de ferro (hematita e goethita) fundamental na produção de pigmentos, estando facilmente disponível no entorno dos sítios.

Os recursos hídricos são permanentes, como ditos, sendo a área cortada por rios de duas bacias diferentes, garantindo o fornecimento de água, além de outros recursos associados: pesca, por exemplo.

Estas condições geoambientais disponibilizaram uma diversidade de recursos para ocupação do lugar, obviamente se essas foram as categorias eleitas por as populações que ocuparam a região. Assim, apesar de arbitrariamente terem sido denominados os abrigos como sítios distintos, Três Fronteiras é um lugar, um único sítio por assim dizer, compartimentado pelo uso em longa duração e, como dito anteriormente, visto como um espaço de entendimento e ressignificação, uma vez que ele, e consequentemente a paisagem, são sempre dinâmicos, sistêmicos/ contextuais e históricos, possuidores de uma estrutura simbólica e prática de (re) organização, particular, de objetos e formas específicas, materiais e imateriais.

Os abrigos (com suas diferentes morfologias, repertórios culturais e aparentes usos) compreendem uma estrutura maior, onde as ocupações foram deixando marcas que guiam e identificam o lugar: no tempo e na cultura. São pontos estruturados e organizados, fato é que há muitos abrigos na área, porém apenas esses foram ocupados, o que nos leva a inferir que se trata de eleições dentro de uma estrutura simbólica e prática de organização do espaço social.

Estes abrigos apresentam diferentes morfologias, ou seja, tamanho, forma, tipo de teto, tipo de piso, etc.; porém, há padrões que podem explicar as escolhas para ocupá-los, uma vez que há abrigos com condições de ocupação (piso plano, altura ideal, protegido de chuva, paredes para pintura, etc.) e que não apresentam evidências de terem sido utilizados (Quadro 01).

O quadro 1 apresenta algumas das categorias de análise utilizadas para caracterização destes sítios arqueológicos. Por exemplo, todos os sítios estão implantados em área de declividade baixa, com terrenos planos e regulares, no interior, no entanto, esta declividade pode variar entre baixa e moderada. Todos são de fácil acesso e voltados para leste, com incidência da luz solar pela manhã.

SÍTIO	FRENTE	ACESSO	SUPERFÍCIE	ÁREA ABRIGADA	PISO/ DECLIVIDADE	LUZ SOLAR	IMPLANTAÇÃO	ARTE RUPESTE/ DENSIDADE*
01	Leste/Oeste	Fácil	Rochoso	Boa	Regular	Direta	Alta vertente	Baixa
02	Leste/Oeste	Moderado	Rochoso	Regular	Regular	Direta	Alta vertente	Baixa
03	Leste	Fácil	Sedimentar	Ruim	Plano	Direta	Alta vertente	Média
04	Leste	Fácil	Sedimentar	Regular	Plano	Indireta	Alta Vertente	Muito baixa
05	Leste	Fácil	Sedimentar	Boa	Plano	Direta	Alta vertente	Muito baixa
06	Leste	Moderado	Rochoso/ sedimentar	Regular	Regular	Direta	Baixa vertente	Muito alta
07	Leste/Oeste	Fácil	Sedimentar	Excelente	Plano	Indireta	Baixa vertente	Muito baixa
08	Leste/oeste	Fácil	Sedimentar/ rochoso	Excelente	Plano	Indireta	Baixa vertente	Alta
09	Leste	Fácil	Sedimentar	Regular	Plano	Direta	Baixa vertente	Média
10	Leste	Fácil	Sedimentar	Regular	Plano	Indireta	Baixa vertente	Muito baixa
11	Leste	Fácil	Sedimentar	Regular	Plano	Direta	Baixa vertente	Muito baixa
12	Leste	Fácil	Sedimentar	Regular	Plano	Direta	Baixa vertente	Muito baixa
13	Leste	Fácil	Sedimentar	Regular	Plano	Indireta	Alta vertente	Muito baixa
14	Leste	Fácil	Sedimentar	Excelente	Plano	Indireta	Alta vertente	Média
15	Leste	Fácil	Rochoso	Regular	Regular	Indireta	Alta vertente	Muito baixa
16	Leste	Fácil	Sedimentar	Boa	Plano	Indireta	Alta vertente	Muito baixa

* Muito alta (acima de 30 grafismos, com sobreposições e justaposições); Alta (acima de entre 20 e 30 grafismos); Média (entre 10 e 20 grafismos); Baixa (entre 05 e 10 grafismos); Muito baixa (abaixo de 05 grafismos).

Quadro 1 - Características gerais dos sítios arqueológicos em abrigo de Três Fronteiras. Fonte: Autor/2018.

No compartimento do córrego da Água Quente estão concentrados ao Norte e Noroeste (sítios 01/02/03), e ao leste, mais próximo a serra da Bocaina (sítios 04/05/13/14/15/16), locais onde a declividade é moderada, com fácil acesso aos abrigos, todos com entrada voltada para leste. Apesar de os sítios estarem implantados na bacia deste córrego, o curso d'água está um pouco mais

distante daqueles implantados na microbacias do Lambari Dourado, onde nenhum dos sítios está distante mais do que 50 m do curso d'água.

Nos sítios implantados na microbacia do Lambari Dourado, todos têm acesso fácil (mesmo o sítio 06 que tem seu painel elevado a 6,30 da superfície atual, é facilmente acessado por sua face oeste), estando implantados em baixa vertente, todos voltados para Leste (exceto sítios 07 e 08 que têm frentes para Leste e Oeste). Os sítios da margem esquerda (09/10/11/12) estão na área de planície, com face voltada para o curso hídrico (leste) que corre de sul para norte. Dos sítios da margem direita (06/07/08), são na verdade cercados pelo rio, uma vez que o braço leste do mesmo (hoje intermitente) cruza a face Leste. Logo, o sítio 06 tem sua frente para Leste voltada para curso d'água e o sítio 08 tem frente Leste/Oeste, sendo da face oeste voltada para a água.

O sítio 07, mais central, apesar de não ter frente diretamente voltada para a água, de todos os abrigos é o que apresenta com maior área abrigada (aproximadamente 80 m2) e o mais discreto, sendo dificilmente detectado na paisagem regional. É formado por blocos abatidos, tendo entradas nas quatro direções, com fácil acesso aos demais sítios e ao recurso hídrico. Sua posição estratégica, somado ao fato de ter uma superfície sedimentar favorável, levou a sua intervenção no ano de 2017. Nele foram escavados três pacotes sedimentares, sendo que a camada 02 foi evidenciada a estrutura de combustão 04 (quadrícula H12, níveis 04/05), datada por Carbono 14 em 4100 ± 30 anos AP, calibrada entre 4643 - 4424 anos AP (BETA – 471281). Nesta camada foi evidenciada uma diversificada indústria lítica em quartzo, tendo como principal característica a debitagem unipolar.

Acerca do repertório cultural em Três Fronteiras, a arte rupestre é certamente o que mais se destaca na paisagem, apresentando algumas particularidades estilísticas em relação aos sítios regionais. Seu conjunto gráfico, grosso modo, apresenta características similares (temáticas) da Tradição Planalto, com presença de zoomorfos, sobretudo cervídeos e peixes (em associação), além de outros quadrúpedes, aves e poucos répteis. Os antropomorfos estão presentes no conjunto gráfico, geralmente filiformes, e as cenas são muito raras. Os grafismos são monocromáticos, sobretudo em vermelho, mas há aqueles em amarelo, preto e branco (PROUS, 1992).

Em suma, o Complexo Três Fronteiras apresenta grafismos com temáticas semelhantes ao que foi definido como Planalto, contudo a principal característica é a organização dos painéis rupestres e dos próprios abrigos na paisagem. São marcos e marcas da ocupação humana e, apesar da aparente desassociação entre eles, parte-se da hipótese que os painéis estão interconectados, em um processo de significação e ressignificação do lugar, estruturando-o e, sobretudo, dando sentido aos seus ocupantes.

Do total de abrigos ocupados, apenas o sítio 06 apresenta grande densidade de pinturas, com sobreposições e justaposições de grafismos e, dada esta características, foi considerado com o sítio core neste complexo. Associados ao principal painel, na parte inferior do afloramento, há outros seis pequenos abrigos (denominados por letras, de 6a ao 6f) com presença de arte rupestre que, dada às intempéries naturais, dificilmente se identificam formas e temáticas. De qualquer forma, traz um conjunto pictório com baixa densidade de figura, que não ultrapassa cinco grafismos.

Assim, o painel principal do sítio 06 (Figura 7) é o único visível na paisagem, visto de longa distância e que com maior densidade das figuras, sobretudo de zoomorfos (cervídeos), mas também as representações de antropomorfos estão presentes. Trata-se de um painel produzido para ser visto, um marcador que destaca o lugar em relação ao entorno.

Figura 7 - Painel rupestre do sítio Três Fronteiras 06. Fonte: Palhares, 2017.

Este compartimento do complexo onde há a presença dos sítios 06, 07 e 08, está separado dos demais pelo córrego do Lambari Dourado (a Leste um braço hoje intermitente e a Oeste com fluxo d'água perene), parece ter sido mais densamente ocupado que nos demais. Tal prerrogativa se deve a presença de água perene, a própria topografia do terreno, mais plana e regular que nos demais compartimentos, com longo vale para o norte, e ao encontro do rio Itanguá, afluente da margem direita do Araçuaí.

Ainda sobre a arte rupestre, nos demais sítios ou há figuras isoladas, mas em quantidade (sítios 01, 03, 05, 08, 14) ou um número muito baixo de figurações (02, 05, 09, 10, 11, 12, 13, 15, 16). As sobreposições e justaposições são inexistentes e todas as figuras encontram-se isoladas nos painéis, geralmente zoomorfos quadrúpedes estilizados ou geométricos (Figuras 8 e 9)

Figura 8 - Grafismos geométricos do sítio 04. Fonte: Autor/2018.

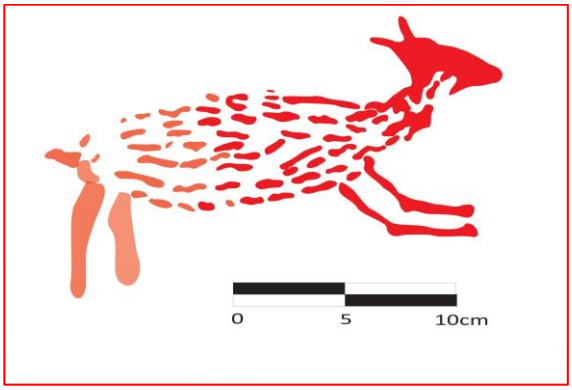

Figura 9 - Cervídeo do sítio 01. Fonte: Autor/2017.

Acerca das técnicas de confecção dos grafismos, é possível identificar a pintura, com uso majoritário do vermelho, em diferentes tonalidades, ocorrendo apenas quatro figuras em todo complexo em amarelo. Além da pintura, no sítio 08 é possível observar a técnica de crayon, o uso direto do minério como lápis para confecção dos grafismos. Além dos zoomorfos, as figuras geométricas e antropomorfas também ocorrem nos sítios, com destaque aos painéis dos sítios 02, 03, e 06

O repertório cultural em superfície é bem restrito, sendo que muito pouco material fora evidenciado. Exceção diz respeito ao sítio 15 que foi evidenciada uma quantidade significativa de fragmentos cerâmicos que, como ainda não foi escavado, tem-se entendido como material histórico. Já em subsolo, o único sítio escavado (Três Fronteiras 07), resultou em uma coleção de 4157 peças, maioria em quartzo, mas há vestígios em sílex e quartzito, tendo como principal característica a exploração de blocos de quartzo anédrico, debitados pela técnica unipolar, uma característica de lascamento muito comum.

4. CONCLUSÕES

Localizado na borda leste da SdEM, o Complexo Três Fronteiras apresenta 16 sítios identificados, porém, como dito, tem-se partido do pressuposto que se trata de um lugar, um grande sítio arqueológico que, dada às características geoambientais e das interações culturais, foi ocupado em longa duração e, portanto, uma questão-chave para a compreensão das ocupações humanas no Espinhaço.

O uso dos conceitos de lugar e paisagem não deixa de ser um desafio para a pesquisa arqueológica, uma ciência espacial como a Geografia, mas com a noção de tempo estendida, lembrando que o registro arqueológico (que deve ser lido e interpretado) se encontra no presente , momento que se dão as análises para a compreensão de como os Humanos se estabeleceram, apropriaram e humanizaram certos lugares em detrimento de outras.

Não se trata apenas de um ponto de partida comum, mas é a possibilidade de utilizar da teoria, dos métodos e técnicas de geógrafos, de forma a estabelecer (ou ampliar) uma lógica que permita entender o viver do Outro, dos Humanos que deixaram seu registro em lugares e de uso de uma paisagem ao longo do tempo (ZEDEÑO, 2000; ANCHUETZ et al., 2001; WOLF; MACHADO, 2018; FAGUNDES et al., 2018).

A partir das abordagens metodológicas e teóricas realizadas, os sítios arqueológicos (nossa unidade mínima de análise, isto é, o lugar) e o meio circundante em seu conjunto, constituem uma paisagem, compreendida como uma construção social repleta de marcas que podem ser lidas e interpretadas (COSGROVE, 1984, 1998).

Primeiramente as ocupações foram estabelecidas a partir das características geomorfológicas regionais, sendo apropriadas ao assentamento humano e, a partir dai (com bases nas datações), parte-se do princípio que houve continuidade uso nos assentamentos, vinculado

muito mais ao conceito de resiliência[4] e à ancestralidade[5], ressaltando o papel simbólico que os sítios arqueológicos (enquanto lugar, visto como um modo de reprodução) adquiriram em longa duração (SCHANGLER, 1992).

Assim sendo, as ocupações e reocupações estiveram aliadas às questões de ordem econômica, social, ideológica e a cosmovisão de quem se estabelece, por exemplo (ver Quadro 01): (i) o direcionamento dos painéis rupestres a leste, muitos abrigos voltados para outras direções, mesmo com bons indicativos para fixação, não foram ocupados; (ii) o estilo, tipologias e densidade das pinturas nos painéis, que também se distribuem conforme as formas do relevo, direção da abertura principal do abrigo, tipo de piso, etc.; (iii) dos diferentes tipos de repertório cultural associado por abrigo; (iv) além do formas de abrigo associadas às características geoambientais locais: relevo, declividade, disponibilidade hídrica, cobertura vegetal (fitofisionomias), disponibilidade de matéria-prima rochosa, etc.

Outro ponto importante que associamos ao estabelecimento humano nesta região são os marcos geográficos que, sob nosso ponto vista, são fundamentais para o entendimento das ontologias e cosmovisão. Ao leste/ sudeste de Três Fronteiras um marco geográfico local está representado pela imponência da Serra do Bocaina (ou Miranda), composta por camadas de quartzito que mergulham para leste, cortadas por planos de fratura verticais onde, mesmo com vários pequenos abrigos, não há vestígios aparentes de ocupações. Ainda a leste está a Pedra Menina, outro marco geográfico que serve de referência regional e a nordeste se faz presente a Serra Dois Irmãos e a Serra do Ambrósio, esta última importante área geográfica do SdEM, berço de várias espécies endêmicas.

Ao sul a Chapada do Couto (Serra de Gavião) é outro marcador geográfico que abriga sítios arqueológicos importantes de Felício dos Santos, sobretudo os implantados em Floresta Estacional Semidecidual, a exemplo dos sítios Cabeças, Sampaio e Jambreiro, ambos com cronologias de ocupações relacionadas ao Holoceno Médio.

Estes marcos geográficos têm servido como ponto de identidade e referência no presente. Nossa especulação é que há evidências arqueológicas que permitem indicar que também foram no passado. O Complexo Três Fronteiras, juntamente com Campo das Flores (mais ao nordeste, no sopé da Serra dos Irmãos), trazem consigo as especificidades de estarem implantados em campos rupestres, com grandes afloramentos quartzíticos que formam abrigos favoráveis ao estabelecimento humano, em áreas cercadas pelo domínio fitoecológico do cerrado, mas também não tão distantes de manchas de Floresta Estacional Semidecidual e, desta forma, com possíveis diferentes recursos naturais disponíveis em abundância, sobretudo se partindo da hipótese de que a área sofreu poucas mudanças geoclimáticas a partir do Holoceno Médio, como indicam pesquisas paleoambientais (CHUENG, 2018; BISPO, 2015). Com base nas datações obtidas para os dois complexos, observam-se ocupações que datam de 4000 anos AP. até o século XIV da nossa Era, que nos leva a levantar a hipótese que realmente se trataram de lugares favoráveis às ocupações humanas, incialmente oferecendo recursos geoambientais como baluarte principal e ao longo do tempo sendo ocupado (e interpretado) por se tratar de lugares persistentes, como condições prévias (ambientais e culturais) que permitem o estabelecimento (MAUSS, 2017).

Infelizmente, as atividades de mineração têm ameaçado estes locais, para além da preservação do abrigo em si, mas, sobretudo da paisagem arqueológica. Tendo em vista estas perspectivas metodológicas e teóricas, seus abrigos são células de uma paisagem cultural complexa, organizada e dinâmica, que foram ocupados e significados em longa duração e que, somadas suas características geoambientais,

[4] *Partindo do pressuposto de que sociedades ameríndias têm uma pré-disposição a adaptarem-se às mudanças, de qualquer ordem.*

[5] *Associada ao culto ao passado, aos ancestrais.*

estabeleceram um núcleo ocupacional para além da noção de sítio arqueológico, isto é, trata-se de um lugar.

Em síntese, há muito que conceitos-chave da Geografia têm sido apropriados aos estudos arqueológicos, uma vez que abarcam características físicas e culturais que a própria noção de sítio restringe, a exemplo dos trabalhos de arqueólogos como Andrés Troncoso (2001), Zvelebil (1997), Anchuetz et. al. (2001), Knapp e Ashmore (2001), Fagundes (2009, 2014). Logo, as pesquisas que utilizam a interdisciplinaridade têm avançado na compreensão da paisagem regional e, além disso, contribuído sensivelmente na gestão e gerenciamento do patrimônio arqueológico e natural, uma vez que permite uma visão mais apurada de como as paisagens trazem consigo marcas da história humana em longa duração, visto que, como assinalado por Cosgrove (1998), a Geografia está em toda parte.

5. REFERÊNCIAS

ALKMIM, F.F., KUCHENBECKER, M., REIS, H.L.S., PEDROSA-SOARES, A.C. The Araçuaí Belt. In: Heilbron, M., Cordani, U.G., Alkmim, F.F. 2017. Sao Francisco craton: Tectonic Genealogy of a Miniature Continent. **Regional Geology Reviews**, Springer, p. 255-276, 2017.

ANCHUETZ, K.F; WILSHUSEN, R. H., SCHEICK, C. An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions. **Journal of Archaeological Research,** 09 (02), p. 157-211, 2001.

BISPO, D. et al. Characterization of Headwaters Peats of the Rio Araçuaí, Minas Gerais State, Brazil. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, 39 (2), p. 475-489, 2015.

CHUENG, K.; COE, H.; FAGUNDES, M.; VASCONCELOS, A . M. C.; RICARDO, S. D. F. Reconstituição Paleoambiental da Área Arqueológica de Serra Negra, Face Leste do Espinhaço Meridional (Minas Gerais), através da Análise de Fitólitos. **Revista Brasileira de Geografia Física** (no prelo), 2018

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSGROVE, D. **Social formation and symbolic landscape**. London: Croom Helm, 1984.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p.92-123, 1998.

DAVID, Bruno; THOMAS, Julian. **Handbook of Landscape Archaeology.** Londres: Routledge, 2016.

FAGUNDES, M. O Conceito de Paisagem em Arqueologia – Os Lugares Persistentes. **Holos Environment,** 09 (02), pp.301-315, 2009.

FAGUNDES, M. Natureza e Cultura: estudo teórico sobre o uso conceito de Paisagem nas Ciências Humanas. **Tarairiú**, Campina Grande-PB, 01 (07), p. 32-54, 2014.

FAGUNDES, M.; SAMPAIO, W.G.; BANDEIRA ; A. M. Paisagem e lugares: considerações sobre a arte rupestre do Sítio Sampaio, Felício dos Santos, Alto Araçuaí, Minas Gerais: uma análise interpretativa. **Cadernos de Geografia,** v.28, n.54, pp.746-768, 2018.

FERNANDES, G.W. (2016) The Megadiverse Rupestrian Grassland. IN: FERNANDES, G. W. (eds) **Ecology and Conservation of mountain-top grasslands in Brazil**. Springer, New York, 2016. (e-book)

KNAPP, A.B; ASHMORE, W. Archaeological landscapes: constructed, conceptualized, ideational. IN: KNAPP, A.B; ASHMORE, W. (Eds). **Archaeologies of landscape: contemporary perspectives**. University of Arizona, p. 1-30, 1999.

LINKE, Vanessa. **Paisagens dos sítios arqueológicos de pintura rupestre da região de**

Diamantina - MG. 186f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em

Geografia do Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo

Horizonte, 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2017.

MOORE, Jerry. The Social Basis of Sacred Spaces in the Prehispanic Andes: Ritual Landscapes of the Dead in Chim´u and Inka Societies. **Journal of Archaeological Method and Theory**, 11 (01), pp.83-124, 2004.

NASCIMENTO, R. A.; STEINKE, V. A. Apontamentos Teóricos para a Relação entre Paisagem e Fotografia na Geografia. **RA'EGA**, Curitiba, v.44, p.21-35, 2018.

NOCE, C.M.; PEDROSA-SOARES, A. C.; SILVA; L. C.; ARMSTRONG, R.; PIUZANA, D. Evolution of polyciclic basement complexes in the Araçuaí orogen, based on U–Pb SHRIMP data: Implications for Brazil–Africa links in Paleoproterozoic time. **Precambrian Research,** 159, p. 60-78, 2007.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira.** Brasília: Editora da UNB, 1992.

RIBEIRO, J.F.; WALTER, B.M.T. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In Cerrado: ecologia e flora. IN: SANO, S. M.; ALMEIDA, S.P.; RIBEIRO, J.F. (Eds.). **Embrapa Cerrados**, Planaltina, p.151 -212, 2008.

SAADI, A. A Geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e de suas margens. **Geonomos**, CPMTC – IGC – UFMG, Belo Horizonte, 3(1), p 41-63, 1995.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. Editora UFPR. **RA'EGA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

SCHLANGER, Sarah. H. Recognizing Persistent Places in Anasazi Settlement Systems. ROSSIGNOL, Jacqueline; WANDSNIDER, LuAnn (eds). **Space, Time, and Archaeological Landscapes**, capítulo05, pp. 91–112, 1992.

TRONCOSO, A. M., Espacio y Poder. **Boletín de la Sociedad Chilena de Arqueología**, n. 32, p.10-23, 2001.

TUPINAMBÁ, M., BAARS, F.J., UHLEIN, A., GROSSI-SAD, J.H.G., KNAUER, L.G. Geologia da Folha Rio Vermelho. IN: GROSSI-SAD, J. H. G.; LOBARO, L. M.; SOARES, A. C. P.; SOARES FILHO, B. S. (Eds.).**Projeto Espinhaço em CD-ROM** (textos, mapas e anexos) (2317-2435). Belo Horizonte: COMIG, 1996.

VASCONCELOS, A. M. C. **O criptocarste como interface entre o solo e o substrato rochoso: comparação entre os ambientes siliciclástico e o carbonático na região entre Rodeador e Diamantina – MG**. Tese de Doutorado, Instituto de Geociências, UFMG, Belo Horizonte: 2014. 150 p.

WOLF, Sidnei; MACHADO, Neli G. Arqueologia da Paisagem Aplicada ao Estudo de Sítios Arqueológicos Jê Meridionais nas Bacias Hidrográficas dos Rios Forqueta e Guaporé/Rio Grande Do Sul. **RA E'GA**, Curitiba, v.45, pp. 268 - 280, 2018.

YOUNG, R.; YOUNG, A. **Sandstone Landforms**. Berlin Heidelberg: Springer-Verlag, 1992. 164 p**.**

ZEDEÑO, María Nieves. On What People Make of Places: a behavioral cartography. SCHIFFER, M (eds.) **Social Theory in Archaeology.** Salt Lake City: University of Utah Press, pp. 97-111, 2000.

ZVELEBIL, Marek. Hunter-gatherer ritual landscapes: spatial organization, social structure and ideology among hunter-gatherers of northern Europe and western Siberia. **Analeca Praehistorica Leudesia**, 29, p. 33-50, 1997.